

O custo da desconfiança

Nelson Oliveira

O presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, vai herdar uma dívida interna mobiliária (em títulos) no valor de R\$ 65 bilhões, equivalente a 9,8% do Produto Interno Bruto (PIB). O PIB é o indicador mais geral da riqueza do País. Em comparação com o produto interno, a dívida é muito pequena. A dos Estados Unidos, por exemplo, é equivalente a 60% do PIB daquele país. Segundo o secretário-adjunto de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Cechin, além dos juros altos, o problema da dívida mobiliária federal está no prazo dos vencimentos, que é hoje em média de 160 dias.

Cechin explica que é como se toda a dívida vencesse duas vezes por ano, exigindo grande esforço Tesouro Nacional e do Banco Central para recolocar os papéis no mercado. O Tesouro dos Estados Unidos conse-

gue dinheiro junto aos investidores vendendo títulos de até 30 anos. O Japão também não encontra dificuldades na rolagem da sua dívida. Metade dos papéis federais lá é rodada em 10 anos. No Brasil, prazos curtos e juros altos refletem a desconfiança dos investidores no governo.

O Brasil tem pago um preço alto pela desorganização das finanças públicas e pelos sucessivos calotes e expurgos de inflação aplicados pelo governo nos últimos anos. Hoje, para colocá-los seus papéis junto aos investidores o governo tem de pagar, em média, 52,05% de juros ao ano contra 7% ao ano, em média, pagos pelo tesouro americano. Conforme Cechin, os prazos vão ficar mais longos e os juros, mais baixos, quando os investidores perceberem que o governo conseguiu organizar suas contas e que a inflação está realmente sobre controle.